

ENSINO DE PORTUGUÊS LÍNGUA ESTRANGEIRA – P.L.E.- LÍNGUA GLOBAL

Mário Sérgio Pinheiro Moreira de Almeida¹

mस्पmda@iol.pt

1. CONSIDERAÇÕES PRÉVIAS

Pretende-se com este trabalho salientar uma perspectiva de ensino que incorpore a vertente linguística, isto é, o ensino da gramática e do léxico da língua, e a vertente da cultura, bem como chamar a atenção para a elaboração de ferramentas cada vez mais adequadas ao ensino de uma língua estrangeira.

Enquanto ensinante de Português Língua Estrangeira – P.L.E. – tem-se sempre em consideração um dos aspectos fundamentais para o aprendente, que é, sentir-se o principal interveniente na sessão da aula ou lição. Ele deve aperceber-se do esforço que o ensinante desenvolve de modo a existir o menor número de equívocos e falhas de comunicação.

Se no quotidiano nos deparamos com dificuldades em percebermos os outros, ainda que falantes nativos de uma mesma língua, imagine-se no contexto de ensino de uma língua estrangeira. Este facto releva as seguintes questões: Como deve o ensinante desenvolver os conteúdos para um público-alvo de modo a garantir resultados mais satisfatórios? Que estratégias deve o ensinante utilizar de forma a catalisar o processo de aprendizagem do aprendente?

A finalidade do ensino/aprendizagem de uma língua estrangeira é que os aprendentes se tornem aptos a comunicar nessa língua para satisfazerem as suas

¹ Instituto de Linguística Teórica e Computacional – ILTEC, Portugal.

necessidades². Ora, perante um grupo de pessoas que quer aprender uma outra língua o ensinante deve ter consciência das razões que levam a que aquele conjunto de pessoas a queira aprender. O ensinante deve, pois, encarar este desafio como uma partilha de experiências, em que a *interacção* surge como veículo para o sucesso dos aprendentes. A base desta *interacção* deve passar, necessariamente, por compreender o ensino de uma língua estrangeira como uma descrição das emoções que resultam da comunicação (ou tentativa de) numa outra língua.

Ao ensinar-se Português a estrangeiros não se pode limitar apenas ao ensino da língua. Para o aprendente, conhecer a *cultura da língua* é, sem dúvida, uma motivação que acelera a aprendizagem. Por *cultura da língua*, especificamente da língua portuguesa, entendo todas as imagens, sons, músicas, lugares, gastronomia, etc., onde há associação ao português.

Estas expectativas fazem com que o ensinante transmita ao aprendente a ideia de crescimento cognitivo enquanto atento e sensível à aprendizagem. Terá como resultado não só o seu desenvolvimento linguístico nas competências lexicais, gramaticais e sintácticas, mas, espera-se, o seu desenvolvimento empírico. O aluno ou aprendente deverá sentir-se mais experiente durante a aprendizagem e deverá aceder a ela enquanto um intercâmbio de culturas, de sentimentos e da livre circulação de conhecimentos.

Em suma, a *cultura da língua* é a inserção do aprendente no *universo* cultural da língua, e deve ser considerada como um factor indispensável na aprendizagem de um novo código linguístico.

Esta inserção do aprendente tem de ser prevista paralelamente ao ensino da língua, ao qual é necessário a disponibilização de ferramentas que lhe sejam cada vez mais adequadas. Citaremos como exemplo o fenómeno das combinatórias lexicais para o qual é preciso um método particular de ensino.

2. O ENSINO E A APRENDIZAGEM DAS COMBINATÓRIAS LEXICAIS

O fenómeno das combinatórias lexicais é percebido de modo diferente por um falante nativo e por um aprendente de língua estrangeira. Como? Para um português, o substantivo *elevador* combina-se com o verbo *apanhar*. Ele sabe-o intuitivamente, sem

² in Nível Limiar (1988).

qualquer explicação prévia, uma vez que o conhecimento das combinatórias lexicais é inato. Já um aprendente de P.L.E. tentará recorrer ao conhecimento da sua língua materna e de outras, para seleccionar um verbo que combine com o substantivo e exprima assim a mesma ideia. Um aprendente de P.L.E. em Portugal deve saber que para o substantivo *elevador* tem de usar o verbo *apanhar* e não os verbos *pegar*, *tomar* ou *agarrar*. Ao contrário, um aprendente de P.L.E. no Brasil para o mesmo substantivo usará o verbo *tomar* ou *pegar*. Noutro caso, como *bater as botas*, o nativo lusófono sabe que o significado desta combinatória lexical é *morrer*. Já o aprendente terá de associar um significado independente do significado de cada lexia da combinatória. Assim, a aprendizagem desse fenómeno linguístico por parte desse público deve acontecer como a aprendizagem do léxico dessa língua, ou seja, deve ser aprendido de cor.

Que dificuldades apresenta um aprendente de língua estrangeira em compreender as combinatórias lexicais?

Se um aprendente ouvir a expressão *brincar com o fogo* ele não poderá simplesmente somar os significados de *brincar* e *fogo* e daí extrair um novo significado. Se o fizesse, obteria o seguinte resultado:

<i>Brincar com fogo</i>	<i>brincar</i>	<i>Fogo</i>	<i>resultado</i>
	<i>‘divertir-se em jogos’</i>	<i>‘desenvolvimento simultâneo de calor e luz que é produto da combustão de matérias inflamáveis’</i>	<i>‘divertir-se em jogos em que haja desenvolvimento simultâneo de calor e luz que é produto da combustão de matérias inflamáveis’</i>

Como podemos notar, o aprendente cairia em erro, para além de não tirar os devidos resultados como se pode confirmar com o significado resultante da combinatória:

brincar com o fogo – ‘meter-se levemente em coisas ou empresas perigosas, arriscadas; arriscar-se imprudentemente’

Verifica-se, assim, que o significado de uma expressão não resulta do somatório dos significados das suas lexias formadoras, logo, não há composicionalidade. Como outros exemplos poderíamos citar: *fogo de palha; (estar) uma bala; passar a perna em; tirar o tapete*

Veja-se agora a compilação das combinatórias lexicais a partir dos dicionários de língua geral. Ao observar o tratamento que lhes é dado, por exemplo, no Aurélio Séc. XXI, constata-se que estes tipos de dicionários têm, por norma, uma secção, geralmente na parte final do verbete, onde são compiladas as combinatórias. Então, se tomarmos como exemplo *pedra no sapato*, é necessário, antes de mais, saber que esta combinatória estará compilada no verbete *pedra*, pois o dicionário privilegia o primeiro substantivo da combinatória, mas atente-se, que, geralmente, o aprendente não vai consultar o prefácio do dicionário para conhecer os detalhes da compilação do léxico.

Atente-se ainda para a diferença de tratamento dada às combinatórias por parte de um dicionário de língua. A assistemática de tratamento das combinatórias pode provocar perplexidade no agora aprendente/consulente no momento da busca duma definição. Este aprendente/consulente terá mesmo de ser persistente senão facilmente desistirá da sua busca, tal o número exaustivo de remissões, de sinonímia, e até ausência de locuções.

Na busca do significado de uma combinatória lexical, o aprendente/consulente pode deparar-se com os seguintes cenários:

- a) não encontrar nos verbetes das lexias que compõem a locução;
- b) encontrar a locução e desde logo a sua definição;
 - Sair de banda – escapulir-se furtivamente
- c) encontrar a locução definida por outra locução;
 - Levar uma bandeira - levar um fora
 - Banho de ervas - Banho-de-cheiro
- d) encontrar a locução definida por outra locução e esta definida por sinónimos (palavras simples) *;
 - Dar de língua - dar à língua - tagarelar, parolar, taramelar, linguajar.

e) encontrar a locução definida por palavra simples sinónima e esta definida novamente por locuções ou palavras simples sinónimas;

- Bafo de boca - Bafo (5) - Conversa fiada, bazófia, gabolice, prosa

f) encontrar a locução definida por outra locução e só então a definição *;

- Vir à baila - Vir a propósito; fazer-se lembrado oportunamente.

Conforme se pode verificar, para um aprendente de língua estrangeira e mesmo para um lusófono, o tratamento dado às combinatórias lexicais pelos dicionários de língua geral revela-se inadequado. Por esta razão, enquanto ensinante de língua estrangeira, considero válida a proposta de tratamento apresentada pela LEC – *Lexicologie Explicative et Combinatoire* (Mel'čuk I. *et al.* 1995) da TST – *Teoria Sentido-Texto* (Mel'čuk, I. e Žolkowskij, A. 1970), a qual por meio de abordagem semântica propõe que³:

- i) as combinatórias lexicais não composicionais são descritas num verbete próprio;
- ii) as combinatórias lexicais composicionais são descritas no verbete da palavra-chave. Assim, *apanhar o elevador* estaria descrito no verbete *elevador* e *banho-de-cheiro*, *banho de ervas*, *banho cheiroso* estariam descritas no verbete da palavra-chave *banho*.

Para concluir, por se tratar de um conhecimento lexical necessário no processo de aquisição de um idioma, estes tipos de combinatória lexical devem estar descritos nos manuais de ensino de língua estrangeira. No entanto, os manuais de língua não apresentam espaço físico necessário para a descrição das combinatórias lexicais. Por isso, há a necessidade de elaboração de um guia de combinatórias lexicais para o ensino de P.L.E. Este guia seria constituído por vários volumes de acordo com os diferentes níveis de competência linguística contemplado nos manuais, auxiliando de maneira particular a aquisição desta especificidade lexical. As combinatórias estariam vinculadas

□ Para uma discussão detalhada desta proposta consultar as referências Mel'čuk I. *et al.* 1995a, e Mel'čuk I. 1995b, bem como os dicionários teóricos elaborados pela teoria Mel'čuk I. *et al.* 1984, 1988, 1992, 1999.

aos temas abordados pelos manuais. Um guia concebido de tal forma seria, sem dúvida, uma ferramenta que aceleraria a aquisição da competência comunicativa por parte do aprendente.

Retomando a perspectiva de P.L.E. enquanto ensino contínuo e acompanhado da sua cultura, não se pode estancar geograficamente este ensino, ou seja, enquanto ensinante não me devo referenciar apenas aos lugares, à música, à gastronomia ou à arte de Portugal, que é o meu país. Tenho, necessariamente, de atentar a África, a Europa, a América, a Ásia que são quatro dos cinco continentes onde existem países ou territórios em que a Língua Portuguesa é língua oficial. Tenho, obrigatoriamente, que me lembrar que o Português é a sexta língua materna a nível mundial e que por ser lusófono, me faço entender em sociedades tão distintas como a cosmopolita São Paulo ou a regional Lubango, ou a minha Lisboa ou a bela Maputo da minha avó.

3. CONCLUSÕES

Acredito que quem ensina uma língua estrangeira deve ter consciência do papel dessa língua no mundo. No caso do Português, não é apenas dos portugueses, é de todos que com ela (com)vivem, é uma língua global, sem fronteiras e de acesso livre para a sua aprendizagem. Espero que com o EURO 2004, bem como aconteceu com a EXPO 98, o português seja uma língua mais conhecida e por isso mais difundida e defendida por aqueles que têm, ainda, certezas quanto à sua importância no mundo.

Quando se ensina uma língua estrangeira deve, pois, ter-se a consciência que, para além da ampliação das necessidades de comunicação, que acredito ser uma das principais razões por que se aprende uma língua, existe um outro factor que será cobrado ao ensinante no final do curso, o da certeza do desenvolvimento psicossocial dos intervenientes. Ainda mais na era da Globalização, da abertura de fronteiras, da livre circulação de bens e serviços e da interdisciplinaridade. Todos factores propícios para a diversidade cultural na aprendizagem, e todos factores decisivos perante a positiva abertura à alteridade enquanto forma de sentir o mundo diferente.

Urge, desta forma, a conjugação das *ferramentas adequadas* ao ensino de língua estrangeira com o ensino da *cultura de língua*, de forma a possibilitar ao aprendente um ensino global de língua.

Agradeço à Dra. Renata Stela Valente que releu este artigo e cujos comentários permitiram uma argumentação mais elaborada das propostas apresentadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BARBEIRO, L. (1998). *O Jogo no ensino-aprendizagem da língua*. Leiria: Legenda – Edição e Comunicação.
2. CASTELEIRO, J. M. (1988). *Nível Limiar*. Lisboa: ICALP.
3. CRISTAL, D. (1973). *Linguistics*. Harmondsworth (England): Penguin Books.
4. MEL'ČUK, I. A. ŽOLKOVSKIJ (1970). Towards a Functioning Meaning-Text Model of Language. In: *Linguistics*, 57 pp 10-47.
5. MEL'ČUK, I. et al. (1984, 1988, 1992, 1999). *Dictionnaire explicatif et combinatoire du français contemporain. Recherches lexico-sémantiques*, vol. I, II, III, IV, Montréal, Les Presses de l'Université de Montréal.
6. MEL'ČUK, I.; A. CLAS, A. POLGUÈRE (1995). *Introduction à la lexicologie explicative et combinatoire*. Coll. Champs linguistiques/Université francophones, Louvain-la-Neuve/Paris: Éditions Duculot/AUPELF-UREF.
7. MEL'ČUK, I. (1995). “Phrasemes in Language and Phraseology in Linguistics”, *Idioms : Structural and Psychological Perspectives*, M. Everaert, E.J. van der Linden, A. Schenk et R. Schreuder (éds), Hillsdale/Hove, Lawrence Erlbaum Associates, pp. 167-232.
8. MEL'ČUK, I. (1997). *Vers une linguistique Sens-Text*. Paris: Collège de France.
9. VALENTE, R. S. (2000). “Diferenças e Similaridades Colocacionais entre o Português Brasileiro e o Português Europeu. Estudo baseado na Noção de Função Lexical da Teoria Texto-Sentido”. In: *Cadernos do CNLF, série IV, nº 7, A Estilística e a Gramática, Atas do IV Congresso de Linguística e Filologia da Universidade do Estado de Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, de 27 de Setembro a 01 de Agosto .
10. VALENTE, R., M.S. de ALMEIDA, S. M. FERREIRA, I.B. TCHOBÁNOVA, (2003) (no prelo). “Problemas de Tratamento e Sistemática na Compilação das Combinatórias Lexicais no Novo Aurélio Séc. XXI”. In: *XIX Encontro da*

Associação Portuguesa de Linguística. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

11. VILELA, Mário. (1990). *Dicionário do Português Básico*. Rio Tinto: Edições Asa.